

especial
crianças da guerra



Crianças da Guerra

ESPECIAL



selo gueto editorial

poesia anárquica, micronarrativas, fragmentos e afins
colcha de retalhos manuscritos descarregada na rede

© **revista gueto, 2019**

64 páginas

Especial Crianças da Guerra

Selo Gueto Editorial ® 2019

Organização, edição e projeto gráfico

Rodrigo Novaes de Almeida

Contatos

<https://revistagueto.com>

<https://twitter.com/revistagueto>

<https://www.facebook.com/revistagueto>

| editorgueto@gmail.com |

Licença

Creative Commons

Este material não pode ser usado para fins comerciais.

Fotografia da capa

Marie Ange Bordas [<http://www.marieangebordas.com/>]

SOBRE A FOTOGRAFIA DA CAPA

Depoimento de Marie Ange Bordas

São duas imagens: a foto do menino tirada em uma escola de zona rural no Congo Brazzaville em 2014 e o desenho feito por uma criança do Sudão do Sul morando no Campo de refugiados de Kakuma. A obra foi feita durante minha pesquisa para a capa do livro da Prof^a. Jana Tabak, *The Child and the world: child soldiers and the claim for progress* (University of Georgia Press — UGA Press). No processo de pensar a capa pesquisei o que havia sobre o assunto — crianças-soldado — e me chamou atenção (mas não surpreendeu) que a iconografia sobre o tema centrava majoritariamente em crianças negras. Poucos sabem, por exemplo, das tantas crianças europeias-caucasianas que foram “oficialmente” soldados na I e II Guerras Mundiais. Entretanto, esta imagem para mim fala um pouco dessas infâncias que existem fora do sistema dominante, ao mesmo tempo que se apropria de alguns de seus símbolos, como a lousa na escola. O que significa esta lousa num contexto não ocidental? O que uma lousa diz sobre a guerra? O que se desenrola numa sala de aula em contexto de guerra? Qual o papel da educação em contextos de guerra? Qual educação, esta “formal” que promove novas colonizações mundo afora incessantemente? Quantas guerras vivemos por dia perto de nós? Afinal, o que é a guerra? Em vários lugares onde estive e trabalhei durante a minha trajetória, vi crianças esculpindo armas e tanques, desenhando incêndios, helicópteros zunindo, aviões jogando bombas, pessoas morrendo. Convivi com elas, ouvi suas histórias, criamos histórias juntas. O conflito estava ali, sempre presente, na dor e no jogo, na memória e no medo, com uma familiaridade que não assustava nem impressionava, apenas era. Também conheci crianças-soldado, ou jovens-adultos que se tornaram amigos e que só depois de muitos anos me revelaram seu passado soldado numa infância nem tão distante. Saber disso mudou meu afeto, maculou sua imagem? Não. Humano, demasiado humano.

Sumário

poesia

Maya Falks | 7
Ivy Menon | 14
Maurício Simionato | 17
Constança Guimarães | 20
Manuella Bezerra | 24
Andri Carvão | 26
Penélope Martins | 30
Brunno Vianna | 32
Jozias Benedicto | 34
José Pascoal | 36

conto

Cinthia Kriemler | 39
Denize Carneiro | 44
André Cáceres | 47
Paulo Vicente Cruz | 52
Sabrina Dalbello | 54
Sidney Garambone | 57

epílogo

Rodrigo Novaes de Almeida | 64

poesia
0

Maya Falks | É gaúcha da serra, leonina, canhota e apaixonada por literatura desde o berço. Autora dos livros *Depois de tudo*, *Versos e outras insanidades*, *Histórias de minha morte* e *Poemas para ler no front*, Maya é escritora, publicitária e jornalista e acumula mais de 20 prêmios entre contos, crônicas e poemas.

ALEPPO*

I

Havia sim um elo entre todos
Que não fossem de raça, credo ou origem
Respiravam o mesmo ar pesado de morte
Respiravam na dança macabra da fuligem
Sob botinas de couro e borracha o chão parecia de nuvem
Fumaça para todos os lados entre corpos marcados, anjos perdidos
Povos sem lar, sem rumo e sem norte
Dos restos da casa, o homem fardado fazia a guarda
Boneca de pano no canto dos móveis marcados, quebrados, perdidos
Um dia ali dentro crianças brincavam de polícia e bandido
Os tempos mudaram, não havia inocência ou vida talvez
Um som estremece a cidade, os sobreviventes entendem que começou tudo outra vez
Um quadro mal pendurado revela a família que um dia foi feliz
Agora, despedaçada, mantém em seu seio quem escapou por um triz
Nas ruas resta o concreto esfaçalhado e o pó que subiu
Das bombas que ali atingiram, a beleza e a vida, tudo sumiu
Na praça central da cidade cachorros vadios não existem mais
A vida, o sopro e a brisa, a paz e o futuro ficaram pra trás
Nas ruas, ruínas e gente sem esperança
Nas casas espalhavam-se corpos, velhos, adultos e crianças
O som que se escuta na trégua é o silêncio quebrado pelo choro baixinho
Carregado de dor e descaso, de morte e abandono, sem paz, sem carinho.
A bela cidade florida deu lugar ao inferno sem nem avisar
Famílias inteiras em trapos, tentando fugir pra outro lugar
Em barcos de ar e esperança encontram a morte nas margens do mar.

* Aleppo é a segunda maior cidade da Síria. Já considerada uma das cidades mais bonitas do mundo, foi completamente destruída na guerra.

II

— Vês? Nada resta!
Chora a menina, olhando na fresta
Vestido de bolinhas rasgado nas mangas

Dois passos pra fora, vem a escuridão
Um soldado armado caminha ileso
Sem um arranhão

Do lado de dentro não há nem telhado
Se ainda houvesse chuva, tudo estaria molhado
Mas até a chuva se refugiou em outras bandas

O prédio é ruína, nem lembra o passado
A praça perdida fica lá do outro lado
Não há mais crianças pra brincar de castelo de areia

Celebra um homem com um bote inflável de contrabando
Exibe o peito aberto, caminha mancando
Seu rosto encontra o chão antes do corpo encontrar a porta

No lugar das pipas, os meninos contam mísseis
Eles sabem que a queda encerra dias difíceis
Já não há mais vagas no cemitério

À noite, cansada, a criança não conta mais carneirinhos
Conta estouros, bombas, barulhos de bala
E dorme sem saber se vai acordar outra vez

Um estampido à curta distância e o pai corre pro berço
A criança ainda respira, sem marcas ou feridas
Ajoelhado, ele fala baixinho — eu agradeço

Ela levanta os bracinhos pra se render
Nem sabe bem o que significa
Mas sabe que ainda pode morrer

III

Já houve tempo de paz, há muito esquecida
Pessoas como eu e você, vagando em ruas em ruínas
Sua vida, sua história, perspectiva perdida
Um corte na alma, o corpo exhibe a ferida

Já houve, no passado, alegria e progresso
Do futuro brilhante, restou o regresso
À selvageria, ao ódio e ao caos
Em tempos de guerra, o ódio é réu confesso

O barulho das bombas interrompe o silêncio
Da terra arrasada desprovida de sorte
Nas ruas, ruínas não contam histórias
Nas manchas de sangue, um rastro de morte

Passado é o tempo de um dia feliz
Crianças cresciam em paz e união
Na guerra o ódio não se contradiz
Nas ruas e esquinas a marca profunda da destruição

No campo de guerra não tem aliado
Tem homens buscando alimento e proteção
Família escondida, futuro dilacerado
A vida e a esperança sem rumo caindo ao chão

Os canteiros floridos dão lugar aos cartuchos de balas
As escolas tomadas de poeira e vazio
Não há mais ensino nas salas de aulas
Acordam sabendo que a vida está por um fio

IV

Um dia, quem sabe, tudo volta ao normal
 Terá se passado uma era talvez
A vida findada tal qual vendaval
 O barulho da bomba revela tudo outra vez
A esperança veste luto onde um dia foi vida
 Vida? Não restam mais dúvidas da história perdida!
Logram vitória como se fosse possível
 O sangue escorrido do povo invisível
Família, o que sobra, vira refugiada
 Em terra estranha porque a sua foi arrasada

V

Bum
O zumbido no ouvido deixa marca profunda
Bum
A mãe pega o filho e se esconde no quarto
Bum
A parede desaba com um novo impacto
Bum
Entre tijolos encontram a mão da criança
Bum
Não nasce mais flores em nenhum jardim
Bum
A vida, entre balas, chegou ao fim

VI

Era eu apenas uma garotinha
Cabelos ao vento, vestido de bolinha
Nas ruas da cidade, traçava meu trajeto
Da escola à minha casa não era traço reto
Cruzava ruas e avenidas
Todo mundo trabalhava, cuidava de sua vida
Eu gostava de aventuras, no mercado me escondia
Vivíamos tempos doce, de paz à noite, vida ao dia
Até que a guerra a nós chegou
Pouca gente entende ao certo como tudo começou
Bala e bomba toda hora
Ajoelhada, a mãe à vida implora
Sob o pó pela bomba levantado
Jaz o corpo de mais um pobre-coitado
Fardado, o menino não entende
Todo o ódio que à arma agora o prende
Acordamos todo dia sem saber pra onde ir
Papai um dia disse que a nós resta fugir
Mas quem somos nós nesse mundo sem fim?
A história aniquila a esperança e termina assim
Depois de muito tempo, nos unimos aos conterrâneos
Fugimos de barco e encontramos a morte no Mediterrâneo

VII

Ela chora baixinho ao lado do corpo da mãe
O pai foi pra guerra e ela sabe que ele não volta mais
O irmão soterrado não pede socorro
Sozinha no quarto espera o milagre que não virá
O zumbido no céu e a esperança
“Será essa a bomba que vai me matar?”

Nos sonhos inocentes tem um jardim pra brincar
Pela janela só restam ruínas, a vida parou
Não há mais futuro, o país acabou
Sai solitária com a boneca na mão
O tiro, perdido, acerta o coração
Ela, enfim, encontra a paz

VIII

As lápides sem nomes fazem fila
Nem todo mundo será encontrado
Nem mesmo inocentes terão funeral
A guerra não mata apenas vidas
Mas aniquila dignidades
Histórias interrompidas por pura maldade
A guerra há de acabar por falta de gente para matar

Ivy Menon | É poeta, advogada, pós-graduada em Filosofia e Teoria do Direito, Bacharel em Teologia. Nasceu em Cornélio Procópio, o Norte Velho do Paraná. Boia-fria até os 20 anos, Ivy, desde pequena, amava os livros e os bancos da biblioteca. Depois de sair da roça, trabalhou em O Diário do Norte do Paraná, em Maringá, onde deu início em uma carreira de jornalista autodidata. Atuou em jornais e assessorias de comunicação, tendo sido, inclusive, Chefe da Seção de Imprensa do Tribunal Regional do Trabalho, em Cuiabá, e do Cartório da Justiça do Trabalho, de 2010 a 2013, ano em que se aposentou. Hoje, mora numa chácara, no meio das araucárias, na zona rural de Rio Negro, região metropolitana de Curitiba. Em 4 de dezembro de 2006, venceu o I Concurso Carioca de poesia promovido pela Associação Brasileira Cultural de Apoio à Cidadania (Abraci), que contou, entre as parcerias, com a Academia Brasileira de Letras (ABL). Como prêmio teve publicado seu primeiro livro de poesia, *Flores Amarelas*. Ocupou a Cadeira n. 31 da Academia de Letras de Maringá. Foi uma das finalistas do Prêmio OFF FLIP 2018, na categoria Poesia.

CARGA

mãos e braços talhados
para o mercado
lhe arregimentaram
tem trabalho
olhos de lince
não lhe pesa ao ombro a carga
:
metralha

desde cedo bala
sabe os sinais
as minas
homem tem suas manhas
disseram-lhe
:
metralha

o pai foi antes dele
menino de olhos de lince
cheio de balas
antes dos trinta

natural ser ele agora
casamata
arrimo de família
:
metralha

faz tempo que não fala
não brinca em serviço
quase esquece a bola
vê o pai no clarão das ogivas

:

trabalha trabalha trabalha
metralha metralha metralha

ouviu dizer que estão em guerra

Maurício Simionato | Nascido em Assis-SP em 1973 e morador de Campinas-SP, é poeta e jornalista. Lançou os livros de poesia *Impermanência* (2012, premiado pelo Fundo Municipal de Cultura de Campinas) e *Sobre Auroras e Crepúsculos* (Editora Multifoco, 2017). Tem poemas em sites como Ruído Manifesto e A Bacana, de Portugal, e em coletâneas. Como repórter, foi correspondente na Amazônia por três anos.

ROSTOS E MÃOS

A trás de mim
Arames farpados dão o tom.
Emaranhados, embaraçam vidas,
Mas de forma alguma limitam
O que já sou.

Todos estes mares de rostos em sofrimento
Trazem-nos, logo mais adiante,
Um oceano inteiro
De medo, esperança e o que mais vier.

Sou exatamente essa menina,
De não mais que quinze anos de idade.
Seguro agora um bebê no colo
De não mais de um ano e meio, sem identidade.

Como todos aqui,
Sinto os pés secos,
Enquanto congelo o olhar nesse pedaço
De solo, que também é meu,
Mas que me negam.

Como tantos à minha volta, sou só.
Estanco os lábios
Sem esboçar qualquer sorriso em vão
Mas não porque precise. Apenas porque sumiu do rosto.

E na escuridão da noite fria, que é de todos,
Vi as mesmas estrelas,
De todos.
Mas as vejo de uma forma mais clara que eles.

Quando pegamos a estrada com esse nosso
Quase nada a tiracolo
Ficarei para trás
Para sempre
Enroscada, nos mesmos arames farpados.
De todos nós.

Constança Guimarães | É escritora, jornalista, autora de *Ombros caídos olhando pro Inferno* (Editora Urutau, 2017) e *A sereia da Contorno e outras histórias* (Editora Leme, 2017), mãe da Sofia, tem um punhado de poemas querendo virar novo livro e um deles foi publicado no especial *Utopia / Distopia*, da Revista Gueto. Conduz oficinas de escrita no Ateliê Estratégias Narrativas.

S/TÍTULO

há quanto tempo você está sem sair? Pode repetir, por favor?
você vai anotar tudo que eu falar?

é o protocolo.

acho que nove dias.

nove dias. e como está fazendo para comer?

tem arroz, macarrão. Umás batatas. Tinha frango na geladeira que o David fez com requeijão pro jantar, já comi, durou três dias porque comi sozinha. Tinha também salsicha na lata, molho, a gente junto comia muito. Como eu fiquei sozinha, a comida rendeu, eu como pouco. E esse biscoito que não comi.

então você está cozinhando?

é, por quê?

você sabe cozinhar.

desde os 6 anos. Também sei arrumar a casa e cuidar de criança.

de que criança você cuida?

qualquer uma mais nova que eu. É só me pagar. De noite é mais caro.

sei, de noite é mais caro. A casa não está limpa.

arrumei nos primeiros dias. Depois desisti.

por quê?

fiquei cansada.

consegue explicar melhor?

cansada, ué. Além do mais, parei de dormir à noite e só durmo de dia. E não dá pra arrumar nada de noite porque não tem luz. Então desisti. Mas não tem problema, eu limpo o banheiro porque não tem janela.

você tem medo do escuro?

não tenho medo do escuro.

tem medo de quê?

de nada.

diz que não tem medo de nada. por que não dorme à noite?

porque dormi de dia.

oquei. você sabe o que aconteceu com seus irmãos?

sei.

porque alguém te contou.

eu vi. Eu tava com eles. entrei em casa pra pegar um biscoito. Esse aí que ainda não comi. Quando eu ia voltar pra rua, ouvi o barulho. Eu queria ir correndo pra rua pra ficar com eles e enquanto eu pensava corre corre corre são seus irmãos vai se encontrar com eles eu me meti dentro do banheiro porque não tem janela. Até hoje não sei como pensei uma coisa e fiz outra. É por isso que fico acordada de noite, tentando descobrir.

e depois?

depois o quê?

como você viu seus irmãos?

quando passou o barulho eu fui na rua e vi os dois mortos, voltei pra casa, fechei a porta e não saí mais. Você sabe se enterraram eles?

seus pais não moram aqui, a vizinha me contou.

ela é fofoqueira mesmo.

há quanto tempo eles não moram aqui?

não tenho pai nem mãe faz tempo.

eles morreram?

não sei não. Meus irmãos morreram, isso eu sei. Foi a polícia, né? Helicóptero, né?

Eles foram enterrados?

o que seus irmãos faziam?

na rua? A gente tava conversando, não pode?

todo dia. Você ganhava dinheiro cuidando de crianças e eles?

bicos.

de que tipo?

você tá achando que eles eram drogados. Por que veio aqui? Você pode ir embora, por favor.

nós estamos aqui pra te ajudar. Viemos te convidar para ir para um lugar com comida, escola, médicos, cama limpa, muitas crianças.

não sou criança.

um lugar com segurança.

não.

sua comida está acabando.

você pode me dar mais comida, aqui mesmo.

a casa está suja.

eu sei limpar.

você não sai mais de casa. vai viver presa aqui?

onde meus irmãos foram enterrados?

escuta, sinto muito te dizer assim, mas você é menor, tem ainda 11 anos. A gente vai ter de te levar. Não dá pra deixar você morando sozinha, é perigoso.

eu moro sozinha com os meninos desde que tenho 5 anos. Vocês nunca vieram buscar a gente.

vai ser bom pra você. É para o seu bem.

você tá mentindo.

você não tem alternativa.

tenho, sim. Eu posso morrer. É só descer a rua correndo.

Manuella Bezerra | Nascida em Pernambuco, é jornalista, poeta e cronista. Especializou-se em Literatura Brasileira e Interculturalidade. Viveu na Argentina, quando publicou sua primeira obra, *Desanônima* (Autografia, 2017). Já em Portugal, publicou o infantil *Existem Sonhos na Rua Amarela* (Editora Multifoco, 2018) e *Pés pequenos pra tanto corpo* (Editora Urutau, 2019), e participou da coletânea *Pedaladas Poéticas* (Aquarela Brasileira, 2017). Mora em Guimarães, Portugal, onde se dedica a um mestrado em Teoria da Literatura na Universidade do Minho.

OCORRÊNCIA

Aquela menina preta que
eu via todo dia na calçada
cantarolava música preta
com a sua boca preta seca
de fome ela estava ali todo dia
ninguém a percebia tinha
em mãos sua boneca branca
quebrada sem um braço que
mais parecia que voava
pedia pra ser como ela
não foi ouvida nem por deus
ali ficou a menina esperando
quieta mudar a cor do semáforo
pra que não se abrisse vidro
algum porque ninguém a via
existia mesmo aquela menina
preta ali na calçada?
um dia cantarolava e no outro
desesperada fazia gestos
obscenos ou chorava mas todo
dia ninguém via a preta menina
invisível certo dia foi ocultada
lhe encontraram numa quebrada
pintada de vermelho foi vista
uma única vez pra ganhar
seu primeiro nome; indigente

Andri Carvão | Cursou artes plásticas na Escola de Arte Fego Camargo em Taubaté, na Fundação das Artes de São Caetano do Sul e na EPA — Escola Panamericana de Arte [SP]. Graduando em Letras pela Universidade de São Paulo; foi colunista do site Educa2 e participou das coletâneas: *Genjibre — Diálogos para o Coração das Putas e dos Homens Mortos*, *Embaçadíssima — Antologia Tirada de uma Notícia de Jornal*, ambas pela Editora Appaloosa, e *7 Dias Cortando as Pontas dos Dedos [um manifesto contra o fascismo]*, organizado por Rojefferson de Moraes. Publicou *Polifemo em Lilipute e outros contos*, também pela Appaloosa, *O Poeta e a Cidade* (Edição Gueto #9), *Puizya Pop & Outros Bagaços no Abismo*, organizou o livro coletivo *Marielle's*, ambos pela Scenarium, *Um Sol Para Cada Montanha* (Chiado Books, 2018) e *Poemas do Golpe* (Editora Patuá, 2019).

INFÂNCIA ROUBADA

1.

Criança soldado
Soldado mirim
Gato escaldado
Criança ruim

Marcha soldado
Soldado mascote
O seu sol quadrado
É puro fricote

2.

Criança do Oriente Médio
Criança da Ásia Menor
Criança sem remédio
Vivendo um filme de terror

Criança negra da África
Criança da América Latina
A pobre da criança é rica
Apanha aprende e ensina

Criança de pele morena
Do Nordeste brasileiro
Criança indigente indígena
Produto do capital estrangeiro

Produto e subproduto
Consumida pela sede
Pela fome pelo frio corrupto
Preso na teia da grande rede

Criança parda invisível
Comendo casquinha de nariz
Criança branca horrível
Brincando de ser feliz

Fabrica o calçado dos pais
E a bonequinha da filha
Futuro adulto sem paz
Violento com sua família

3.

O anseio da criança anciã
É a paga por morrer pagã

4.

Criança morando na rua
Criança dormindo no chão
Mundo cão de bunda pra lua
No farol vendendo limão

Criança na terra de ninguém
Terra do nunca terra sem lei
Na manjedoura de Belém
Se descola um trocado é rei

Criança fora da escola
Criança comendo lixo
Criança cheirando cola
Criança cheia de bicho

Investimento em educação
Ou redução da idade penal
Investimento em educação
Ou adoção da pena capital

Criança matando criança
Morrendo criança morta
No fio da navalha a esperança
De quem pouco importa

Criança ou cão de guerra
Sua educação é filha do medo
Criança trabalhando a terra
A infância não é brinquedo

Penélope Martins (Mogi das Cruzes, 1973) | É escritora, narradora de histórias e articuladora em projetos de fomento da palavra escrita e falada. Pós-graduada em Direitos Humanos pela PUC-Campinas, dedica-se à formação de novos leitores desde 2006, produzindo conteúdo para encontros presenciais e plataformas digitais. Colabora com a articulação de reflexões sobre a leitura com a Editora do Brasil e outras instituições. Participou de coletivos de mulheres com poesia autoral e faz a curadoria do projeto Mulheres que Leem Mulheres, com ações em diversas instituições culturais como o Sesc. Entre suas obras publicadas estão *Minha vida não é cor-de-rosa* (2018), 1º lugar na categoria Literatura Juvenil do Prêmio Literário da Biblioteca Nacional 2019, e *Que amores de sons!* (2018), ambos pela Editora do Brasil, *Poemas do jardim* (2013), Editora Cortez, *Quintalzinho* (2014), Editora Bolacha Maria, e *As aventuras de Pinóquio* (2018), Panda Books. Integrou a antologia *Sete*, de poetisas contemporâneas, organizada pela Editora Essencial, e é autora do livro de poesia *Que culpa é essa?* (2018), pela Editora Patuá.

O ESTREITO DE BÓSFORO*

falo da embarcação que invade
lnoite longa, noite que não acaba
o massacre cheira a cravo,
tem gosto de peixe e o sol vermelho
bordado ponto a ponto no fio da espera
não há veste que não retenha a agulha
não há pele que sobre-
-nomes esquecidos
pretas.brancas.vermelhas.amarelas
seus cabelos são crespos, meu bem
seus cabelos são louros, não importa
no cais estão escritos choram
os pescoços estendidos
o bósforo é a traqueia
os olhos ejetados da mater
morta a pau na pátria nossa
carcada de estupro pelo pai, filho
espírito de abismo
o ar comprimido
o território invadido
múltiplos dilacerados
e os peitos pálidos que nutrem as meninas
crescidas nesse mundo sem direitos.

* Poema do livro *Que culpa é essa?* (Editora Patuá, 2018).

Brunno Vianna | Historiador e poeta, participou de mais de noventa coletâneas. Publicou dois livros independentes, venceu o Concurso Literário Machado de Assis, no Rio de Janeiro e foi finalista do Concurso Literário Crônicas Cariocas, ambos em 2008. Já em 2016 venceu o VIII Concurso Internacional La Vida Es Poesía e o Concurso de Poesia Instantânea do Sarau do Bar (RJ), ambos por voto popular, além de ter sido finalista do Concurso Internacional Palabras en el Agua, promovido pela Unesco. Na Revista Gueto publicou o poema “Democracia” e o conto “Esconderijo”.

NAS CURVAS DO RIO

Nas curvas de um rio
Um corpo
Sem nome
Nas curvas de outro
A sede, a fome
No peito do chão, o sangue
No Rio Doce, a lama
No de Janeiro, a bala
Mais um corpo na sala
Na cela
Na favela
Mais um corpo nas curvas do rio
Desaguando o grená
No vazio.

Jozias Benedicto | É escritor e artista visual, com especialização em Literatura, Arte e Pensamento Contemporâneo pela PUC-RJ. Trabalha com videoinstalações e performances que unem literatura e artes visuais (vídeo). Participou, entre outras mostras, da XVI Bienal de São Paulo (1981). Seu primeiro livro de contos, *Estranhas criaturas noturnas*, lançado em 2013, foi finalista do Concurso Sesc de Literatura 2012/2013. *Como não aprender a nadar*, lançado em 2016, recebeu o Prêmio de Literatura do Governo de Minas Gerais em 2014 (contos). Recebeu ainda as premiações por seus livros de contos ainda inéditos: *Um livro quase vermelho*, Prêmio Literário 2018 da Fundação Cultural do Pará — em processo de edição e publicação pela Fundação Cultural; e *Aqui até o céu escreve ficção*, Prêmio Literário 2018 da Fundação Cultural do Maranhão. Em agosto de 2019 lançou *Erotiscências & embustes*, seu primeiro livro de poesia, que inclui três sonetos da série “Valongo”, que se apropriam de trechos de *O navio negreiro* de Castro Alves para abordar o tema das escravidões contemporâneas. “Valongo IV (crianças da guerra)” é o quarto soneto da série, inédito, escrito especialmente para a Revista Gueto.

VALONGO IV (CRIANÇAS DA GUERRA)

Criança como todos, só queria
um tênis novo. Ganhou uma arma,
um posto no alto de onde vigia
o inimigo que ao longe assoma.

E do outro lado: também crianças
iguais — para matar já adestradas
para viver nenhuma esperança,
no morro e no asfalto: a insanidade.

Como turba de infantes inquieta
fácil morrer nas terras conflagradas
por nada, agonizar na sarjeta.

Auriverde ilusão de minha terra
quem são estas crianças desgraçadas?
Só meninos e meninas da guerra.

José Pascoal | Portugal, Torres Vedras, 1953.
Bibliografia poética activa: *Sob Este Título*, 2017,
Antídotos, 2018, *Excertos Incertos*, 2018, todos
publicados pela Editorial Minerva, Lisboa.
Inéditos nas revistas digitais 7faces e Triplov —
site dedicado a Ernesto de Sousa. Mantém o
blogue Gazeta de Poesia Inédita [[link](#)]. Membro
da Associação Portuguesa de Escritores.

A DIVINA MISERICÓRDIA

A quem
Dos Pirenéus,
Terra da cruz
E do volfrâmio,
Uma sardinha seca,
Uma sardinha a dividir por doze,
Oito vivos de bibe,
Quatro mortos à nascença,
O ditador enseba as botas,
Os pais persignam-se em acção de graças.

conto

①

Cinthia Kriemler | É carioca e mora em Brasília. Autora, pela Editora Patuá, de *Todos os abismos convidam para um mergulho* (Romance. 2017); *Na escuridão não existe cor-de-rosa* (Contos. 2015. Livro semifinalista do Prêmio Oceanos 2016); *Sob os escombros* (Contos. 2014); *Do todo que me cerca* (Crônicas, 2012). E do livro de contos *Para enfim me deitar na minha alma* (FAC-DF, 2010). Organizou a antologia de contos *Novena para pecar em paz* (Editora Penalux, 2017) e participa de várias antologias. Escreve para a Revista Samizdat. Tem textos publicados em Mallarmargens, Germina, Escritoras Suicidas, Diversos afins, Revista Philos, Revista InComunidade e na Gueto.

O SÊMEN DO RINOCERONTE BRANCO

Março de 2018. Quênia.

Eutanásia. O último rinoceronte branco do Norte está morto. Sudan, 45 anos, se torna parte das espécies e subespécies dizimadas pelo único predador que mata por ignorância, por lucro. E sempre por prazer.

Um macho de sorte — mesmo que sorte seja uma palavra estranha de significado. Não foi abatido como caça. Sobreviveu. Capturado aos 10 meses de idade, foi enviado para um zoológico. Por 36 anos agradou humanos.

Morre, agora, num santuário. E santuário também é uma palavra de significado incomum. Um cativeiro cercado por boas intenções. Uma fração da história que deveria ter sido. De um jeito ou de outro, Sudan foi uma vida desvirtuada. Deturpada em seu roteiro original.

Fecha os olhos cercado pelos soldados que o protegem, pelos cuidadores e pelos pesquisadores que o observam há quase uma década. E quando o seu corpo de dois mil e trezentos quilos — tomado por uma infecção generalizada — segue para o descanso da morte, ainda ostenta, intocado, o cobiçado chifre que fez dele um alvo por toda a sua vida.

Sudan é o último macho dos rinocerontes brancos do Norte. Mas o seu sêmen congelado ainda é esperança de rebentos. Multiplicados, alimentarão a lenta e difícil tentativa de reverter a extinção da subespécie.

Se os caçadores não se reproduzirem como pragas, se a cobiça não caminhar mais rápido do que a ciência, se todos os obstáculos forem superados, talvez seja possível repovoar a savana.

Não há lágrimas pelos rinocerontes brancos do Norte. São apenas bichos.

Abril de 2014. Chibok, Nigéria.

Negras. Virgens. Crianças. 276 meninas sequestradas de uma escola em Chibok por fundamentalistas islâmicos do Boko Haram. Em nome do fanatismo, da dominação e do ódio, essa trindade depravada. Afastadas de suas famílias, impedidas de suas crenças, privadas de qualquer dignidade. Pasto fresco para as bestas que

justificam atrocidades em nome de um deus falsificado, omissos, cúmplices. Caças impotentes.

47 fugas. 117 libertações em trocas árduas com o governo. Mas 112 meninas de Chibok nunca mais são vistas. Para elas, não há a proteção do santuário. Só o cativeiro. E as curras que não cessam. E a parição de bebês indesejados que crescem ao lado de seus reprodutores selvagens, influenciados pela bestialidade de crenças pervertidas. 112 meninas-matrizes, como as cadelas acorrentadas que cruzam e cruzam sem descanso até a morte por infecção, por inanição ou por maus-tratos.

Não serão resgatadas. Não têm nome ou foto nos jornais. São apenas meninas negras da África. Descarte.

Fevereiro de 2018. Dapchi, Nigéria.

Não bastaram. O sequestro das 276 meninas de Chibok. Os casamentos forçados. A destruição das identidades. O aniquilamento dos alicerces psicológicos, religiosos e morais. As crianças geradas por espermas sem nome.

Mais 110 são raptadas em Dapchi. Meninas. Em plena luz do dia. Porque a luz do dia parece ter se tornado uma sentinela inútil e impotente.

Em igualdade perversa, as meninas nigerianas de Dapchi são como as meninas de Chibok. E como os rinocerontes brancos do Quênia. Indefesas. Caçadas. Afastadas de suas histórias originais. Exiladas. Cativas. Desenraizadas. Vítimas da mesma ganância. Neles, o que se cobiça são os chifres. Nelas, os úteros.

No mundo, tudo permanece silêncio. São apenas estatísticas ruins do Terceiro Mundo.

2 de setembro de 2015. Turquia.

Aylan Kurdi não vence o mar. Como poderia? [... *as águas são rotas de braços frios / que adormecem bebês / meninas, bebês meninos / para entregá-los, purificados / a um Criador envergonhado*]. Aylan Kurdi é só um menino de três anos. Sírio. Como a maioria dos refugiados que fogem das guerras pelo poder. Aylan Kurdi é mais uma criança afogada numa praia da Turquia. Vira notícia porque a turca Nilüfer Demir e sua câmera estão em vigília na areia trágica. Ah, os fotógrafos! Esses

seres despudorados que denunciam com suas lentes o que os olhares frágeis das pessoas frágeis preferem não ver. Ver é inquietação.

Por isso, talvez, o mundo não tenha chorado por Galip, 5 anos, irmão de Aylan. O corpo dele não chegou à praia. Não foi fotografado.

Não ver é a alienação desejada.

Aylan e Galip saíram de casa para morrer no mar. Sem entender por que deixaram para trás o seu país. Crianças não entendem as guerras. Não deveriam, igualmente, fazer parte delas. Nem serem arrancadas das suas referências para serem jogadas no cativo do exílio.

Aylan e Galip fazem parte da cegueira cômoda. Afinal, são apenas meninos sírios.

20 de setembro de 2019. Morro do Alemão, Brasil.

Morro do Alemão. Ou qualquer outro morro. Desde que seja morro. Ágatha Vitória cai. 8 anos. Tiro nas costas. De fuzil. Coisa de covarde fardado. Mais uma — e já foram tantas. Crianças como ela, meninas como ela. Feitas de sorrisos, de brincadeiras, de fantasias. A de Mulher Maravilha invocando o sonho de um mundo de justiça e de mulheres guerreiras. E o pesadelo da realidade se contrapondo. Ceifando, ceifando, ceifando.

Crianças. Já nem se trata de quantas. Ágathas, Guilhermes, Alanas, Kayos, Larissas, Adrielles. Já nem se trata de onde. Nova Holanda, Borel, Alemão, Guarabu. Faz tempo que essa conta está perdida. E perdido é o que tudo está. Bala. Homem. Consciência. Futuro.

Outubro | Novembro | Dezembro de 2019. Endemia.

Caixões brancos encaixados uns sobre os outros empilham-se em tédio cínico. Aguardam os hóspedes perpétuos que se deitarão entre suas paredes finas. E o cheiro do sangue que, mesmo lavado, se entranhará nas suas fibras fracas como uma droga perigosa, viciante, nauseante. Meninas. Meninos. De algum morro, de alguma comunidade, de algum bairro pobre. De qualquer lugar esquecido ou desprezado pela tal gente de bem.

Há também covas rasas. Esperando os que não podem pagar pela mísera decência de um caixão vagabundo. São bocas indigentes essas covas arreganhadas em espera curta. Sabem que logo será saciada a sua fome ávida.

Mais tarde, corpos pequenos preencherão as suas entranhas. Perfurados por balas perdidas. Vítimas dos predadores que somos: os que abatem, os que aprisionam, os que empurram para a morte, os que perseguem até a extinção. Como os caçadores do Quênia, os estupradores da Nigéria, o ditador da Síria. Como os homens e mulheres de farda que atiram pelas costas.

Podemos fechar os olhos. Mais uma vez. Essa é a nossa expertise. Podemos desligar a TV, tampar os ouvidos, cobrir a cabeça. Podemos nos mudar para Paris. Ou para a Finlândia. Quando voltarmos, tudo estará terminado. E olharemos para o genocídio de meninas e meninos com toda a piedade que nos foi ensinada pelos nossos pais e pelas nossas igrejas. E nos sentaremos com um copo de cerveja, de vinho ou de uísque entre amigos que também acabaram de voltar de Nova Iorque ou de Barcelona. E discutiremos planos para reverter a extinção.

Em nossos planos, só uma falha. Não temos o sêmen do rinoceronte branco.

Denize Carneiro | Foi livreira, professora e servidora pública do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro. Contista, cronista e romancista, é autora de *Alice no País do Judiciário*, romance lançado em 2013. Publicou vários contos e crônicas em coletâneas da Oficina Cairo Trindade. Em 2019, com a escritora Elódia Xavier, lançou *Contos compartilhados*.

CRIANÇAS DA GUERRA

O menino Pedro não tinha nenhuma lembrança boa. Fez um esforço para se lembrar do rosto do seu pai. Não conseguiu. Sabia que era um pai branco que surgia como um vulto violento espancando sua mãe. Lembrava vagamente da voz do pai gritando que a mãe era uma piranha e que ele tinha botado um merda dum menino no mundo. A avó tentava levar Pedro à igreja e lhe dizia que Deus é pai. Mas que “pai”? O que o chamava de merda e espancava sua mãe até sair sangue? Cleiverton, seu amigo desde pequeno, da mesma idade que Pedro, estava era se dando bem no tráfico. Já tinha fuzil e tudo. O cara era corajoso e considerado na Boca de fumo. Quem diria. O moleque era um corisco! Diziam que ele matava sem piedade cara da facção contrária. Mais valente que os de dezoito anos. Mas Pedro não era corajoso. Tinha medo. Por isso, quando Cleiverton o chamou para ser aviãozinho, ele recuou. O amigo então, com ares de adulto, disse que Pedro era mesmo “um merda”.

Hoje, com fome, frio e sem rumo, ele estava pensando muito nas coisas que Cleiverton falava. Tinha que tomar decisão. Perambulava pelas vielas da favela e a violência crescia fora e dentro dele. Há dias não via sua mãe. Conseguira pouca coisa de manhã no sinal de trânsito. Não dormira nada nesta noite porque o helicóptero da polícia sobrevoou muito cedo a favela acordando todo mundo com aquele barulho infernal por cima dos barracos. Sua escola estava fechada pelo tráfico, nesta semana. Na passada, foi o exército que suspendeu as aulas. Então, não tinha merenda há duas semanas. Pedro só ia à escola mesmo pra comer porque aprender mesmo que é bom, nada. Não conseguia entender as coisas muito difíceis que a professora falava. O pensamento ia pra outro lugar. Quase sempre cochilava na aula inteirinha. Também pra que aprender matemática se ele não ia fazer nada com aquilo? Pelo menos, Cleiverton, sem ir à escola nunca, já tinha conquistado alguma coisa no mundo.

Mas se Pedro pudesse escolher mesmo, ia preferir a vida do Jhonatan, seu outro amigo. Aquele, sim, tinha família boa. O pai era pedreiro. A mãe era diarista no Leblon e ganhava uma grana. No barraco do Jhonatan tinha televisão, fruta e pão com mortadela. Os pais de Jhonatan cuidavam dos filhos — isso Pedro tinha a maior inveja. Ah, tinha. Nunca ninguém cuidou dele. Nem dos seus irmãos. Viviam tudo ao deus-dará. Um irmão sumiu. Outro casou e foi morar em Campo Grande e nunca mais voltou. Outro, menor que ele, a mãe botou no abrigo pra adoção. Ele ouviu dizer

que roubavam criança abandonada pra virar transplante de rico. Sim, senhor, isso existia. Ou levavam pra outro país pra ser escravo. Ou ser coisinha de pedófilo. Sai fora! — Pedro falou alto de si para si. Ele agora estava com mais medo das maldades do mundo do que do tráfico no morro. Não tinha escolha. Melhor era criar coragem e seguir o caminho de Cleiverton. Aí, ele não ia mais precisar mendigar nos sinais de trânsito. E se tivesse sorte e esperteza, podia até ficar famoso mais tarde.

Pensando bem, ser honesto pra quê? Se Maicon, um garoto bom pra caramba, que não faltava aula, ia à igreja evangélica com a mãe duas vezes por semana, morreu de bala perdida no tiroteio, naqueles dias, que adianta ser bom? Por que Jesus não ajudou Maicon?

A cabeça pensava sem parar tudo aquilo. A barriga roncava mais forte. As pernas doíam de tanto andar pra cima e pra baixo. Pedro pulou uma vala de esgoto e deu de cara com um barraco aberto furado de bala. Lá dentro viu uma criancinha chorando num caixote. No fogão, uma menina miúda, com um shortinho furado e os cabelos desarrumados, mexia uma panela no fogo. Era tão fácil roubar uma criança pobre, ele pensou. O barraco cheirava mal, ou era o esgoto? Foi a polícia que matou o Maicon ou foram os traficantes? Cleiverton tava com a razão ou não? Mas uma coisa era certa: ninguém liga pras crianças faveladas adoecendo, morrendo e sumindo todos os dias.

A raiva de Pedro aumentou. A fome também.

Então, o menino resolveu. Dali pra frente, não ia mais ser um merda. Polícia que se guardasse porque lá ia chumbo.

Agora o exército do tráfico tinha mais um soldado.

André Cáceres | É escritor e jornalista. Autor de *Cela 108* (Editora Multifoco, 2015) e coautor de *Corações de Asfalto* (Editora Patuá, 2018), escreve sobre literatura no jornal O Estado de S. Paulo e tem contos e poemas publicados em coletâneas.

NAMORO À DISTÂNCIA

I.

Gozei tão divinamente que compreendi de imediato o significado da expressão “la petite mort”. A pequena morte que senti enquanto jazia ao lado de Hanna poderia ter durado um milionésimo de segundo ou uma eternidade. Nossas mãos entrelaçadas, os seios pequenos pressionados contra as cobertas de seda, o sorriso que percorria os lábios finos dela e refletiam-se nos meus, tudo aquilo parecia tão real quanto as cócegas que meu pai fazia em mim antes de ir para a guerra.

Quando vamos nos conhecer?, ouvi minha voz pronunciar quase automaticamente, enquanto eu enrolava meus dedos em seus cachos. Hanna ficou em silêncio. Afastou-se delicadamente, os traços angulosos de seu corpo maculado pela inanição acentuaram-se em meio à parca luminosidade. O que foi?, insisti. Ela secou uma lágrima que percorria o trajeto polvilhado de espinhas entre seus olhos grandes, expressivos como os de um mangá, e seu queixo fino e pontiagudo.

Já disse para não falar sobre isso, sua voz esquelética resmungou abafada. Nós já nos conhecemos, não é suficiente para você? Pedi desculpas, mas ela emendou as lamúrias de que não sabia quando poderia sair de Beit Hanoun. Suspirei. Nossas conversas sempre vagavam para esse assunto. Ela disse que precisava ir porque um alerta de bombardeio pipocou em sua tela. Em um estalo, todo o cenário aconchegante ao nosso redor se dissolveu.

Com um misto de resignação e curiosidade em seu rosto, minha mãe subiu as escadas e perguntou o que eu estava fazendo. Estudando, mãe. Com esses óculos esquisitos? Sim, mãe. E esse capacete macabro? Sim, mãe. E esse conector neural nas têmporas? Mãe, minha tarefa de casa era um passeio virtual ao antigo Egito. Ufa, pensei que fosse alguma espécie de videogame. Você já passa o dia no fliperama com seus amigos, não quero isso em casa. Eu tinha uma carapaça armada contra minha mãe, mas ela sabia muito bem como abrir minha guarda: A propósito, filha, seu pai deve ser enviado de volta em alguns dias.

Passei o resto da noite em prantos debaixo de minhas cobertas. As poucas lembranças boas que eu tinha em meus quinze anos de vida que não haviam sido

formadas com um capacete de realidade virtual eram de meu pai. Suas cócegas foram, por muitos anos, minha única fonte de sorrisos.

II.

A brisa salgada do Mediterrâneo parecia reavivar memórias de tempos há muito idos enquanto meus amigos e eu nos dirigíamos para o fliperama depois da aula. Amos perguntou como ia meu namoro com Hanna, ao passo que Ariel, sarcástico, indagou se eu considerava aquilo um namoro. Já a apresentou para sua mãe por realidade virtual ou o servidor que vocês usam para se encontrar não permite o uso de roupas?

Silenciei. Senti minhas veias pulsando nas têmporas. Murmurei que ele não conhecia minha mãe e que ela nunca poderia saber que sou lésbica, muito menos que estou namorando uma palestina. Não sei se ele me ouviu. Limpei a lágrima solitária que brotou de meu olho esquerdo e entrei no fliperama. Como sempre, fiz o melhor placar no jogo de combate aéreo e o segundo lugar foi Ariel.

Em casa, o sexo com Hanna foi transcendental, eu sentia que tudo aquilo era muito mais real do que qualquer coisa que eu pudesse viver com meu corpo físico. Ainda assim, ambas estávamos tristes, o que transpareceu assim que paramos de transar e começamos a conversar. Para tentar animá-la, eu disse sorridente que meu pai voltaria para casa em breve. Hanna se disse ansiosa para conhecê-lo, mas chorou ao lembrar das ruínas em que sua escola se transformou com o último ataque.

Será que foi meu pai que destruiu o prédio em que ela estudava?, pensei enquanto sentia na língua o sal das lágrimas de seu rosto. Despluguei do servidor, tirei o capacete de realidade virtual e despertei para o mundo com esse gosto salgado ainda forte em minha boca, tão real quanto o cheiro da brisa do Mediterrâneo.

III.

A fila para experimentar a máquina nova estava quase dobrando a esquina. Nunca vi os outros jogos tão vazios desde que conheci aquele fliperama. Eu queria o de sempre, já estava acostumada aos combates aéreos que tanto me tranquilizavam. Quando eu jogava, era como se meditasse. Amos e Ariel, porém, convenceram-me a

enfrentar a fila para testar a novidade ao dizer que ele fora desenvolvido pela W Games, a mesma equipe que desenvolveu meu game favorito.

Valeu a pena.

Quando enfim chegou minha vez, posicionei meu polegar no leitor de digitais e a máquina recuperou todos os meus dados e pontuações de outros jogos. Surgiu diante de meus olhos um código para um tal modo secreto, supostamente porque eu havia me qualificado para algo mais avançado. E era simplesmente a jogatina mais incrível que eu já havia experimentado. A sensação era tão real que eu poderia jurar que a vida lá fora não passava de uma simulação. Eu controlava uma espécie de armadura voadora de combate e tinha de explodir inimigos, causar o máximo possível de danos à cidade e sair sem ser abatida.

Não foi uma novidade quando me desacoplei do jogo e percebi que minha pontuação era a mais elevada dentre todos naquele fliperama. Dessa vez, porém, fiquei surpresa ao ver que também havia batido o recorde mundial. Nada mal. Eu tinha de contar tudo aquilo à Hanna.

IV.

Fui recebida em casa pelo portão entreaberto e por um par de olhos castanhos que pareciam transportados diretamente da minha infância. Senti-me com sete anos novamente. Os braços que me aninharam, fortes como dois carvalhos das colinas de Golã que eu costumava escalar nas viagens de férias, dividiam-se em dedos compridos como galhos, que me fizeram sorrir e convulsionar com cócegas. Minha mãe cansou de nos esperar à soleira da porta e chamou-nos para dentro. Passei tanto tempo conversando com o papai que apenas algumas horas mais tarde lembrei-me de enviar uma mensagem a Hanna para avisar que não conseguiria encontrá-la. Pedi para nos vermos no dia seguinte e disse que tinha uma notícia ótima para contar.

Não fiquei nem uma hora hipnotizada pelo jogo na tarde seguinte. Destruí alguns vilarejos, bati recordes e saí do fliperama. Estava ansiosa para o reencontro. Ariel e Amos reclamaram por eu ter ido embora tão cedo, mas não me dei ao trabalho de explicar o porquê. Novamente em casa, tentei conexão com Hanna, mas ela estava indisponível. Espero que não tenha ficado chateada por eu não ter aparecido ontem,

pensei. No fim das contas, foi bom. Fazia tantos anos que eu não aproveitava algum momento em família. Assisti a um filme com meus pais, como nos velhos tempos.

Os dias se repetiam em um misto de felicidade por eu ter meu pai de volta e tristeza por não estar conseguindo falar com Hanna. Às vezes, ela sumia mesmo. Os bombardeios eram cada vez mais frequentes em Beit Hanoun, em Gaza. Mas ela nunca havia ficado tanto tempo sem dar notícias. Comecei a me preocupar.

V.

Uma noite, antes de dormir, quando estava a sós com o papai, tomei coragem para contar sobre Hanna. Ele pareceu surpreso, mas não me repreendeu. Melhor não contarmos à sua mãe por enquanto, sibilou em meio a um sorriso confidente. E se ela não voltar mais?, perguntei, chorosa. Senti seu peito robusto e quente envolver meu rosto, os batimentos cardíacos ritmados embalando meu sono salgado. Não se preocupe, ele sussurrou.

Na noite seguinte, papai me mostrou suas cicatrizes, o dedo que perdera e os buracos de bala nas pernas. Perguntei se foi por isso que ele havia retornado. Meus ferimentos não foram tão graves a ponto de eu ser mandado para casa; todos os soldados foram dispensados. A guerra acabou, então?, alegrei-me.

— Minha profissão foi abolida, querida. Mas agora a guerra é um negócio lucrativo, uma indústria de entretenimento que movimenta bilhões. Soldados rasos de carne e osso não conseguem competir com essas armaduras controladas remotamente por pessoas comuns ao redor do mundo que, sem saber, pagam para fazer nosso trabalho sujo, filha. Tudo é à distância hoje em dia.

Paulo Vicente Cruz | Jornalista carioca. Tem textos literários publicados nas revistas Gueto, Mahin (Editora Malê), Plástico Bolha e Subversa. Participou da coletânea de contos *Cadernos Negros – Volume 40*.

PEDIRAM QUE DESENHASSE A PAZ

“Nem que a paz venha aqui bater na minha porta, eu não abro! Eu não deixo entrar.”

Marcelino Freire

As forças da paz vieram. Eram muitos. Estavam pacificamente armados. Chegaram na aurora — todo mundo sabe que a aurora é a hora da paz. A paz veio por céu e terra. Ocupou as ruas do entorno e as vielas do lugar. A paz veio porque existe muito ódio. A paz veio porque há muita maldade. A convocação dos pacificadores foi feita por alguém que não está lá. “Às armas, meus caros! Até que não sobre nenhum deles, nem suas mulheres, nem suas crianças, nem suas casas. Até que seja tudo amor.”

A professora ensinou sobre a paz na escola. Quando ela chega, é melhor tapar os ouvidos e deitar no chão. Ele aprendeu rápido. Se quiser ouvir de novo sobre a paz, precisa deitar no chão. O barulho é insuportável e sua permanência tem tempo incerto. Mas cedo ou tarde, a paz se retira e sobram alguns instantes de silêncio. Nessa hora se contam os que foram salvos pela paz - não estão de pé nem se mexem.

Quando não há guerra, a paz a inventa. De tempos em tempos envia suas forças. A paz é proativa e tem o apoio das massas. A paz deseja educar as multidões. A paz quer corrigir quem ignora precisar da salvação. Não ousem dizer que não veio da paz a salvação. Não critiquem a redenção. A paz já cortou cabeças por muito menos.

Ele é pequeno, mas é esperto. Ele finge que acredita. Pediram que desenhasse a paz, com lápis de cor. Vão enviar pro governador. O governador não vai gostar. Vai mandar mais paz pro lugar. Até que a paz se estabeleça com ou sem menino. Até que seja a paz impossível de desenhar.

Sabrina Dalbello | É gaúcha e reside em Bento Gonçalves-RS. Com formação em Direito, é servidora pública, desde 2003. Escreve contos e poemas e é colaboradora do blog “As Contistas”. Tem poemas e contos publicados em algumas coletâneas e páginas literárias eletrônicas. Participa do coletivo Mulherio das Letras nacional e gaúcho. É autora dos livros de poesia *Baseado em pessoas reais* (Poesias Escolhidas, 2017) e *Lente de aumento para coisas grandes* (Editora Penalux, 2018). Inspira-se em variadas coisas, gosta de inventar verbetes e se utilizar dos paradoxos. Acredita que uma pequena palavra pode carregar um conteúdo imenso.

NEM TUDO É O QUE PARECE

“**M**irar uma bazuca para a lua e... BUM!” Essa foi a minha ideia quando suspeitei que aquela bola cheia de furinhos, que eu contemplava pelo buraco do vidro da janela do barraco onde morava, era feita de queijo. Esse seria o jeito de fazer cair uma chuva de grãosinhos daquela delícia sobre todas as pessoas que estivessem com fome. Neve era feita de lua ralada, eu tinha certeza.

Minha mãe me disse que nem tudo é o que parece. Certamente, isso serviria para a lua, que, descobri depois, não era feita de queijo, nem fazia a neve.

Acho que a bazuca é o que parece, ela é potente e provoca a queda de pedacinhos das coisas depois de atingi-las. Minha mãe deve ter esquecido que a regra dela não serve para as armas.

Eu descobri a neve pela televisão da casa da Vilma.

Minha mãe trabalhava na casa da mãe dela todas as quartas-feiras e, às vezes, me levava junto.

Vilma tinha a mesma idade que eu e tornou-se minha melhor amiga. Ela tinha uma TV enorme com muitos canais divertidos. Tinha outras coisas também, muitas coisas, muitas das quais só vi na casa dela. Era bastante rica, não sei se *de dinheiro*, mas *de coisas* ela era. Vilma tinha edredom, mais de um travesseiro e usava pantufas de ratinho — e só estou citando as coisas macias.

Eu não descobri a arma pela televisão da casa da Vilma.

Na verdade, já tinha visto algumas, mas não uma bazuca, logo a que eu achava ser a única capaz de fazer o tiro chegar tão longe, até a lua.

Meu padrasto tem duas e meu irmão mais velho disse que já pegou a dele. Minha mãe não gosta muito disso, disse para eu não mexer em arma “por nada nesse mundo, por Nosso Senhor Jesus Cristo”. Eu disse “Tá, mãe, por Jesus não mexo.”

Minha mãe não estava em casa no dia em que meu padrasto me mostrou uma pela primeira vez. Não contei a ela, prometi por Jesus.

Eu estava próximo quando ele encaixou o cano no buraco do vidro da janela — aquele mesmo buraco por onde eu olhava a lua de queijo — e mandou eu prestar atenção, “moleque!” Pensei “Vai fazer neve de queijo hoje, Raimundo?”, mas não disse. Raimundo não gostava de responder “besteiras de criança”. Eu sabia que

Raimundo não queria fazer neve, nem mirar na lua. Ele disse “Arma mostra quem é forte, moleque!” Raimundo ficava valente de arma lá na vila.

Como minha mãe tinha me falado que nem tudo é o que parece, eu sabia que Raimundo não era valente. Ele sempre ficava quieto depois que a mãe o xingava por não ter trazido pão para casa. “Pedi só o pão, e nem isso, imundície?!”

Minha mãe nem pedia para ele comprar queijo, o que me fez ter ainda mais certeza de que alguém fazia o queijo cair da lua em forma de neve. Até que vi, na casa da Vilma, que a neve não vem do queijo, e nem o queijo vem da lua.

“A neve é água congelada, seu bobo”, Vilma riu e ligou a TV em um canal que passava pequenos filmes sobre fenômenos da natureza. Eu nem acreditei no que vi.

Fiquei sem jeito por ter falado besteira sobre queijo, lua e neve e acabei falando de uma coisa que eu conhecia mesmo: “Eu sei como é uma arma de verdade!” Mas Vilma não riu. “Isso nunca vi, e nem quero”, deu de ombros. Eu corei.

Lembrei de Raimundo. Fui tão besta quando disse isso para a Vilma quanto ele tinha sido no dia em que me mostrou a arma, só para parecer forte.

Por sorte, a Vilma também é rica *de amizade*. Depois do filme da neve, assistimos a um sobre queijos, e ela me deixou calçar as pantufas de ratinho dela. Rimos juntos.

Pensei na minha mãe. A regra de que nem tudo é o que parece também não serve para a Vilma.

Sidney Garambone | Tem cinco livros publicados. A estreia na literatura foi com o de contos *O Caçador de Barangas*. Seu último romance é *Fausto Tropical*, lançado em 2019.

VERDUN

— **M**aman, são só seis mesmo?
— Sim, querido. Cuidado para não cair e volte logo.

Armand iniciou a pedalada com força. Primeiro o pé esquerdo e depois o direito. A velha bicicleta parecia ter bebido cinco canecas de vinho, fez que cairia, retomou o prumo, deu uma bambeada novamente, mas finalmente seguiu impávida e firme pela rue Haute. Recostada na porta da pequena casa, a mãe Odille olhava orgulhosa para o filho. Agarrada à sua saia, a pequena Luize, de 4 anos, acenava para o irmão, de doze, que acelerava rumo a Verdun.

A rue Haute assim se chamava porque ficava na parte mais alta de Béthelainville, uma pequena cidade da região de Meuse, à nordeste do território francês. Tão pequena que jamais teve mais de 600 habitantes. Para falar a verdade teve sim. Em 1851, Béthelainville registrou o número de 601 moradores. Deste ano até o dia de hoje, 15 de julho de 1916, a população só fez diminuir.

Armand sabia disso.

Quando começou a Grande Guerra, no fim de julho de 1914, ele fez questão de aproveitar as férias de agosto para caminhar pelos doze quilômetros da cidadezinha, de caderno e lápis na mão, contando quantos moradores lá viviam. Pelos seus cálculos e anotações, eram 347 franceses em Béthelainville. A maioria católica.

Porém, dois anos depois deste censo demográfico informal do pequeno Armand, a bela e única igreja da cidade não celebrava missas.

Pedalando rumo à rue Basse, Armand olhou para a esquerda e mais uma vez viu no que a igreja se transformara. Inaugurado em 1862, o templo religioso trocara os bancos da missa por leitos improvisados. O silêncio das orações fora substituído pelo burburinho de médicos, enfermeiros e voluntários. A quantidade de soldados feridos e a necessidade de espaço fizeram da igreja um hospital auxiliar militar.

E lá ia Armand, rua abaixo. O *guidon* tremia e gemia com o peso das seis marmitas penduradas. Três em cada lado. Os dedos de Armand, inchados por causa da árdua travessia semanal, seguravam o *guidon* e as cordas que mantinham as seis marmitas intactas e salvas da queda.

O trajeto até Verdun durava 45 minutos para ir e 35 para voltar, já que o retorno era mais leve. E hoje era um dia especial. A mãe colocara muitos restos de comida da

festa da Tomada da Bastilha. Em plena guerra, era fundamental festejar a Revolução Francesa. Mostrar aos inimigos que o orgulho nacional resistia.

Normalmente, as “quentinhas”, que de quente não tinham nada, levavam arroz, guisado de músculo e ovos mexidos. Desta vez, Odille conseguiu colocar pequenos pedaços de queijo e um terço de baguete em cada vasilhame.

Armand seguiu pedalando firme. No fim da rue Basse, dobrou a direita na rue Pasteur e a paisagem urbana tornou-se completamente rural. Apesar da pouca idade, Armand já se deprimia com as feridas da guerra. Os campos, antes floridos ou plantados, eram hoje lamaçais esburacados. A guerra de trincheiras promovia um mórbido vai-e-vem demográfico e geográfico. Os alemães haviam conseguido avançar pelo território francês. Conquistaram várias cidades e por pouco não tomaram Béthelainville. Chegaram a bombardear algumas casas e parte da igreja. Armand lembra bem o dia em que chorou debaixo da cama, agarrado à mãe e a irmã.

O pai de Armand, Jean, e outros camponeses promoveram uma resistência heroica até a chegada do 87º regimento do exército francês. Os alemães recuaram e montaram uma resistência ferrenha em Verdun.

Jean não viu nada disso.

Depois do tal episódio heroico, resolveu se alistar, mas no primeiro dia no front foi alvejado na cabeça. Está enterrado atrás da igreja, a cem metros de casa.

A família enfrentou o luto com luta. Desde o dia da morte do pai, Armand semanalmente pedalava até a Frente Ocidental, levando comida para os soldados franceses. Viu muita coisa feia, muita coisa ruim.

Acostumou-se.

Fazia sol neste dia 15 de julho.

Depois de enfrentar o descampado, Armand chegou a Fromeréville-les-Vallons. Atravessou a cidade, também bombardeada meses antes, e teve inveja das crianças da sua idade que jogavam *rugby* com uma estranha bola oval feita de farrapos e cordas.

Embicou na rue de Verdun e entrou na rodovia D115. Todas as estradas eram de terra. A poeira subia da roda traseira da bicicleta. Aos poucos, a paisagem ia se tornando tétrica. Uniformes rasgados pelo chão, capacetes estilhaçados, cápsulas de balas e sangue pisado.

Armand não entendia por que era necessário odiar os alemães e por que eles odiavam os franceses. O pai chegou a falar um pouco disso, sobre disputas de terras,

necessidade de litoral, um assassinato de um príncipe, mas mesmo assim as razões continuavam nebulosas. Desde pequenino, a mãe Odille ensinara outras coisas. Amor, compaixão, solidariedade.

Era visto frequentemente ajudando aos vizinhos, varrendo a calçada com o lixeiro e até mesmo auxiliando o velho Monsieur Pierre, da pequena *épicerie* do Chemin de Suzemont. O discurso geral do pequeno vilarejo de Béthelainville era o da solidariedade.

Súbito, tudo mudou. Os alemães eram demonizados diariamente, o amor agora era pela pátria e os jornais que chegavam de Dijon traziam caricaturas debochadas dos inimigos.

A morte do pai endureceu um pouco o coração do menino. A tarefa semanal de levar algum alimento para os soldados franceses, nas cercanias de Verdun, foi criando sentimentos confusos em sua cabeça, ao mesmo tempo em que o relógio da maturidade acelerava de forma turva e confusa.

Era preciso conversar.

Com quem?

As crianças nada entendiam. O padre se recusava. A mãe andava macambuzia.

Restavam os soldados.

E os primeiros a aparecer hoje estavam na esquina da estrada D115 com a D38.

Seis soldados. Sentados à beira da estrada. Pegando sol depois de um banho no rio Meuse. Pés descalços, botas cuidadosamente alinhadas. O Meuse serpenteia e dá nome à região. Armand brecou. Precisava descansar um pouco. Estavam a dois quilômetros de Thierville-sur-Meuse, uma cidadela maior que Béthelainville, e a quatro quilômetros de Verdun, ainda maior que Thierville-sur-Meuse.

— *Salut!*

— *Salut, garçon!* — responderam, quase que em uníssono, os seis soldados refastelados.

— Eu não sou mais um menino, já sou um rapaz — reclamou Armand.

— Ok, meu rapaz. E uma dessas quentinhas não podem ficar por aqui não?

— Infelizmente não, são para os homens nas trincheiras, em Verdun.

Um grande estrondo, seguido de explosões e tiros, assustou o grupo.

— Corre para o Rio!

Armand largou a bicicleta e obedeceu à ordem. Os seis soldados também largaram o que estava a secar e chisparam. O desespero, porém, era o maior inimigo e todos começaram a tropeçar e cair pelo chão. O líder da pequena tropa então ordenou.

— Abaixem-se e colem ao chão.

Armand, que ficara um pouco para trás, obedeceu mais uma vez e pôs as duas mãos nas orelhas. O som era de tiros e bombas. Lentamente, virou o pescoço e viu os clarões na direção de Verdun. Estava nervoso. Começou a chorar.

Não dá para se acostumar com isso.

O soldado mais novo dos seis arrastou-se para perto de Armand e o abraçou, sussurrando palavras esparsas.

— Vai passar. Tudo passa. Você vai esquecer. Nunca mais haverá uma guerra assim. É a mais feia. Mas será a última.

Foram quase duas horas imóveis, sob intenso tiroteio sonoro.

Armand soluçava baixinho. Queria mostrar coragem. Só que era impossível esquecer o que via e vivia toda semana. Não contava para a mãe, nem para a irmãzinha, nem para ninguém. Guardava dentro da própria alma os horrores da guerra. Como da vez em que desceu as escadas de uma trincheira para entregar a comida e se viu tentando acordar um cadáver. Fora o momento mais aterrorizante da sua vida quando, ao deixar as quentinhas e voltar para a bicicleta, ouviu o ritmo mecânico de uma metralhadora frenética, se abaixou, olhou para trás e testemunhou a morte de quem acabara de alimentar. Havia tripas, havia vômito. E não só isso. Ouviu gritos em alemão, subiu na bicicleta desesperado, olhou para trás um instante e viu, ao longe, o autor dos disparos, camuflado, numa colina. O inimigo levantou o capacete e acenou para Armand, num gesto simples, mandando-o ir embora rapidamente. Neste dia, Armand teve a certeza que seria alvejado pelas costas.

Não foi.

Porém, desde então, era metralhado por lembranças funestas, além do maldito odor que pairava sobre o teatro da guerra.

O silêncio acabou por despertar suas lembranças.

— Pronto, rapaz. Terminou. Pode ir embora para casa — disse o soldado caçula, levantando-se e fazendo sinais para os outros que o ataque havia terminado.

— Hora do trabalho! — berrou um deles.

Armand ergueu-se altivo, como se não tivesse corrido risco de morte, e comunicou de forma fria e severa:

— Vou continuar. As primeiras trincheiras francesas estão a dez minutos daqui. Preciso deixar estes alimentos para quem precisa. Muito obrigado por me protegerem. Vocês vão para onde, agora?

— Vamos na direção do barulho. Sabíamos que haveria uma ofensiva nossa nesta manhã.

Armand olhou intrigado. Se eram soldados, se sabiam da ofensiva, o que estavam fazendo ali, descansando? Eles entenderam o olhar desconfiado do menino.

— Somos os *nettoyeurs* do regimento. Pode chamar também de limpadores, que fica mais bonito. Tão logo acaba uma ofensiva de sucesso, entramos em ação, percorrendo o terreno conquistado com nossas baionetas, checando se, entre os inimigos, ainda há algum vivo.

Não foi difícil Armand perceber o que eles faziam.

— Já entendi. Preciso ir. Bom trabalho.

Durante a vida inteira, Armand lembrar-se-ia desta frase esquizofrênica: bom trabalho.

O trabalho de matar.

Recuperou a bicicleta e continuou a pedalar. O familiar cheiro de pólvora e carne começara a se expandir. Ele cruzou a cidade de Thierville-sur-Meuse, que estava deserta. Na verdade, não estava deserta. Estava em modo desespero. Todos esconderam-se em casa durante a primeira batalha do dia. Felizmente, o êxito tinha sido francês.

Isso encorajou Armand a pedalar para a segunda linha de trincheiras, onde talvez os soldados estivessem mais necessitados de uma comida caseira. Ao chegar, divisou muitos homens feridos. “Trincheiras pareciam ratoeiras”. Coincidência ou não, ao fazer esta comparação, Armand viu uma fileira de ratazanas escondendo-se entre as barricadas e os sacos de areia.

Foi quando pensou em fazer história.

Pegar as seis quentinhas e atravessar as trincheiras francesas rumo às trincheiras alemães. Por que não? Eram próximas. Ninguém atiraria numa criança. Ele seria um exemplo. Lá chegando, do outro lado, entregaria a comida tipicamente francesa aos inimigos alemães. Seria simbólico e, quem sabe, o começo da paz.

Largou a bicicleta. Segurou três quentinhas com a mão direita e três com a esquerda. Lembrou-se da mãe. Ela se orgulharia. O nome de Béthelainville seria conhecido e lembrado para sempre pelo mundo todo.

Iniciou a corrida.

Inflou o peito de coragem.

Mirou o destino.

Mas parou.

Foi invadido pelo maior sentimento racional que poderia ter.

Não vale a pena.

Largou as seis quentinhas no chão.

Pegou a bicicleta.

E voltou pra casa.

Avisou à mãe que nunca mais iria às trincheiras.

Na semana seguinte, a família inteira embarcou num caminhão rumo a Paris.

Três horas de viagem.

E a última imagem que Armand tem da guerra é a das seis quentinhas no chão, devoradas pelas ratazanas.

Não vale a pena.

EPÍLOGO

*der Herr brach das Brot,
das Brot brach den Herrn.*
Paul Celan (1920-1970)

Onde repousam as metáforas? Hoje não é um dia para acreditar em deus. É um dia sem deus. Talvez mais cedo, pouco antes de ouvir o estrondo provocado pela última bomba a cair sobre a cidade, deus ainda existisse. Nada restou. Andei sobre as ruínas do que ontem eram edifícios, casas, fábricas. Eu tocava os corpos aniquilados, um a um. Nesse meio-tempo, meus dedos tamborilavam algum ritmo esquecido por todos. Não havia mais ninguém para lembrar as canções. Não havia mais ninguém para dançar as belas canções dos homens, nem as de louvor a deus, um deus que deixou de gostar de metáforas, ou não entendeu que a morte é a metáfora definitiva. Em um dia sem deus, a verdade encontra-se na última bomba a cair sobre a cidade. É assim que precisa ser — deus se retira para que eu ande sobre os escombros. Ele é bom e justo e, como a criança, não suporta o horror da guerra, de todas as guerras.

Rodrigo Novaes de Almeida
São Paulo, 22 de outubro de 2019



selo gueto editorial

este projeto digital é destinado a correr livre na rede
levando versos, antiversos, protoversos, metaversos e multiversos para o reviramento do mundo